

Dar fim à pesquisa como conhecemos: poéticas negras feministas, bichas e indígenas em conversa

Paulo de Tássio da Silva¹
Iris Verena Oliveira²
Thiago Rannieri³
Francisco Ramallo⁴

O “conhecer e o estudar conduzidos pela Negritude anunciam o Fim do Mundo como o conhecemos” - uma das inspirações para este dossiê derivou desta provocativa sugestão de Denise Ferreira da Silva (2019, p. 91), em publicação organizada pela Casa do Povo, espaço que reúne diferentes coletivos. Numa atmosfera como a atual que tanto se diz, se imagina e deseja adiar o fim do mundo, uma especulação desse porte vem ecoando em nossos trabalhos e ressoando uma tarefa. Quando nos conhecemos, ficou evidente que tínhamos apostas, ou ao menos inquietações, muito semelhantes em nossos diferentes territórios de investigação, quanto às práticas e de ferramentas de pesquisa que havíamos herdado. Como e por que cada um de nós chegou aos nossos temas de investigação, articulados tão rapidamente no título deste dossiê temático, não pode ser abarcado aqui. Nossos encontros foram precedidos por eventos, situações e escolhas que dificilmente seriam contados em uma simples e única narrativa. O que descobrimos, entretanto, em nossas conversas para lá de complicadas, em quase uma década de interlocuções sobre currículo e diferença, foi como nossos interesses de pesquisa se encontravam por meio de um desejo de complexificar os modos pelos quais pensamos,

¹ Doutor em Educação. Universidade Federal Fluminense. Email: paulodetassiosilva@yahoo.com.br

² Doutora em Estudos Étnicos e Africanos. Universidade do Estado da Bahia. Email: irisveren@gmail.com

³ Doutor em Educação. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Email: t.rannieri@gmail.com

⁴ Doutor em Humanidades e Artes. Universidad Nacional Mar del Plata – UNMDP. Email: ramallofrancisco@gmail.com

sentimos e atuamos, ética e politicamente, na pesquisa, naquilo que aprendemos a chamar de metodologia de pesquisa, com todos riscos que esta nomeação pode carregar. Claro que, como vários/as colegas da nossa geração, tínhamos aprendido a pensar sobre a política da metodologia de pesquisa sem ter que negar camadas de existência a partir a longa inflexão pós-estrutural do campo do currículo no Brasil, território no qual crescemos intelectualmente. Separadamente, nós já experimentamos caminhos investigativos⁵, para lembrar o título da famosa coleção organizada por Marisa Vorraber Costa (Costa, 2002a; 2002b; Costa; Bujes, 2005), sobre como seguir pesquisando diferenças, expurgando os desejos de engolfamento da diferença⁶.

Nossa inquietação, entretanto, não parecia ser somente essa, ou sentíamos que não podíamos parar por aqui. Mais recentemente, por exemplo, também inspirada pelas provocações de Ferreira da Silva, Izilda Johanson (2024) materializou um pouco o desafio que carece, por vezes, de palavras para ser descrito e inscrito: seria possível imaginar outros sem eu, sem o Eu? No conhecido artigo sobre a poética negra feminista que nos serviu de disparador, Ferreira da Silva (2019, p. 86) comenta: “Desde fora do Mundo que conhecemos, no qual a Categoria da Negridade existe no/como pensamento sempre-já um referente da mercadoria, objeto, outro, como um fato mais para além da evidência –, uma Poética da Negridade [...] seria capaz de anunciar uma variedade de possibilidades para o conhecer, o fazer e o existir”. Muito, de fato, já se escreveu a respeito da diferença em termos de gênero, sexualidade e raça e suas notáveis e inegáveis intersecções. Ao longo do último quartel do século XX e das duas primeiras décadas deste século, diferentes áreas das ciências humanas e sociais dedicaram-se a entendê-las como normas, representações, práticas, técnicas, saberes, genealogias, arqueologias, relações e identidades. Todavia, a inquietação que move a proposta deste dossiê pode ser assim traduzida: estaríamos mais confortáveis com as críticas epistemológicas que as políticas da diferença promoveram do que com as possibilidades de repensar e especular radicalmente a ontologia? Na verdade, sugere Cameron Hu (2026), tendemos a pressupor que “a geração enérgica de mais e diferentes conhecimentos é a maneira pela qual ainda

⁵ Ver também Meyer e Paraíso (2009); Macedo e Ranniery (2018) e Oliveira e Moreira (2018).

⁶ Ver, por exemplo, Silva e Macedo (2021); Oliveira (2024) e Ranniery (2018).

podemos ampliar a vida ética e política” (p. 2) quando estamos diante de expressões de uma “compulsão pouco examinada de sempre saber mais e saber melhor” (p. 4).

Naquele que provavelmente é um dos ensaios mais importantes do final do século XX, Donna Haraway (2000, p. 106), em uma nota de rodapé, que não passou despercebida, parece ter prenunciado com certa ressonância a tarefa que buscamos promover: “[se] é verdade que somos aprisionados pela linguagem, então, a fuga dessa prisão exige poetas da linguagem, exige um tipo de enzima cultural que seja capaz de interromper o código”. A proposta deste dossiê foi inspirada também por esta afirmação e, de algum modo, em um encontro insuspeito, buscou reunir contribuições de pesquisadores(as), artistas e ativistas de diferentes partes do país e internacionais, que venham borrando as fronteiras entre a prática de pesquisa e o exercício poético. Ou ainda, que venham se interrogando sobre como as poéticas “já detêm as ferramentas necessárias para desmontar as estratégias existentes do conhecimento e de abrir caminho para uma figuração da existência fora das garras das ferramentas da razão científica, quer dizer, sem a presunção da separabilidade” (Ferreira da Silva, 2019, p. 87), isto é, um figuração da diferença não presa à dialética do Eu e do Outro, e como isso traçando caminhos diversos para traçar investigações. Conhecemos esses exercícios, agora, por muitos nomes, alguns, por exemplo, fortemente atraídos pelo conceito de fabulação, em insígnias como fabulação crítica (Hartman, 2020), fabulação especulativa (Haraway, 2013), afro-fabulação (Nyong’o, 2018) e fabulação extrema (Shaviro, 2021). Embora nem todos se refiram explicitamente ao processo de pesquisa, nem por isso deixam de funcionar como pontos generativos de práticas de investigação ao sugerirem que o enquadramento é uma parte importante de pensar diferentemente.

Em comum, uma mobilização para realizar uma abertura para trabalhos sobre ontologia, estética e política nos estudos das relações étnico-raciais, de gênero e sexualidade, e nos estudos indígenas cada vez mais inquietos com a institucionalização e, em certa medida, com a (pretensão de) estabilização da diferença como temas ou objetos de pesquisa, buscando, enfim, as implicações de um apelo de ir além do reconhecimento da diferença e suas categorias de classificação. A questão se desloca de como diferenças nomeáveis e identificáveis como sujeito poderiam o erguer a voz, como uma vez aprendemos com bell hooks (2019), e passou a ser quais possibilidades são

figuradas a partir das artes do objeto que, como ensinou Fred Moten (2023), existem em resistência, que existem em/no vestígio, para usar o vocabulário de Cristina Sharpe (2023), do onde fazem seu melhor trabalho anti-colonial. Trata-se daquele “espaço em branco inacessível, circunscrito por um texto interpretável” que Gayatri Spivak (2014, p. 83) gostaria de ver como o lugar de produção de teoria. O que esse apelo ao incognoscível pode implicar para o modo como conduzimos nossas pesquisas e investigações? Dito de outro modo, as críticas epistemológicas da diferença soam por vezes terem caído como uma luva para pesquisas que se debatiam contra as heranças metafísicas e coloniais da modernidade, mas ainda demonstram dificuldades de encarar e levar às últimas consequências à crítica da pretensão de transparência da linguagem, como nos deixando como um resto intraduzível, um resto inassimilável, nos forçando a navegar sobre o que não entendemos ou não sabemos, nem podemos saber.

Com foco nisso que permanece incomensurável, nossa esperança foi reunir experimentos que interroguem esferas ontológicas pouco problematizadas das nossas tradições metodológicas de pesquisa: o legado colonial da transparência, as intrusões de um Eu autodeterminado, a temporalidade linear e progressista, as figurações da diferença como Outro, e as tradições empiristas de pesquisa social e seus apelos à unidade e presunção de objetividade, e suas lógicas extrativistas de dados. Nos dias de hoje, essa tarefa significa pensar sobre gênero, sexualidade, raça e etnias não apenas como categorias de análise, mas pensar com as políticas e poéticas da diferença, o que fazem, como leem o nosso mundo e que mundos anunciam. E, acima de tudo, significa travar contato com a radicalidade de um pensamento não somente capaz de apresentar as estratégias de normalização em curso na atualidade, mas também as inúmeras possibilidades de errância e fuga. Seguindo um excerto de Um mapa para a porta do não retorno de Dionne Brand (2022), Sharpe (2024, p. 379) escreve: “Livros — poesia, ficção, não ficção, teoria, memórias, biografias, mistérios, peças — sempre me ajudaram a me localizar, me ancoraram, me ajudaram a dar sentido ao mundo e a agir sobre ele”. Essa força ética da literatura, que poderíamos certamente expandir, e que ganha um arco narrativo em forma de nota, cria uma textura ao sobrepor diferentes reflexões, possibilitando um diálogo e uma resposta, uma elaboração e, às vezes, uma escuta das

coisas deixadas por dizer, um navegar pelas coisas que não podemos entender, mas que ainda sim ou talvez por isso mesmo, criam mundos e possibilitam existências.

Por certo, chama atenção a quase impossibilidade de não registrar que uma virada para o pessoal marca muito dos artigos reunidos aqui e é, com efeito, tentador considerá-los sob a marca do neoliberalismo como que saturando profundamente o presente. O argumento de Lisa Duggan (2004) de que a lógica do neoliberalismo se baseia no indivíduo, promovendo a “autossuficiência” e a individualidade como resposta à erosão do apoio governamental é significativo para realçar a tensão do que significa escrever através de um “eu” e empregar discursos pessoais. Se é notável as negociações com o neoliberalismo manifestas em vários desses textos, há uma profunda ambivalência sobre as condições do presente e sua própria localização dentro das estruturas neoliberais e extrativistas. Esses escritos não deixam de destacar outras dimensões do que é pensar com o “eu”, especialmente um “eu” que se volta para fora e que, de muitos modos, expõe o emaranhamento e a contingência. Ler essas ambivalências em conjunto permite encontrar aquilo que Amber Jamilla Musser (2026) chamou de teoria na carne e sua orientação pedagógica e política. Este dossiê nada mais é, portanto, que uma tentativa de expandir a conversa com as poéticas negras feministas, bichas e indígenas, sobre como apontam para uma reimaginação das ferramentas da linguagem de pesquisa a partir de uma escuridão fabulosa e informe. Contra todos os universalismos liberais e positivismos científicos, insistimos que a poética é um meio de habitar o choque dessa realidade sem nunca se tornar totalmente parte dela.

Referências

BRAND, Dionne. **Um mapa para a porta do não retorno**: notas sobre pertencimento. Rio de Janeiro: A Bolha, 2022.

COSTA, Marisa Vorraber. (org.). **Caminhos investigativos**: novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002a.

COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos investigativos II**: outros modos de fazer e pensar pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002b.

COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel. **Caminhos investigativos III**: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

DUGGAN, Lisa. **Twilight of Equality**: Neoliberalism, Cultural Politics, and the Attack on Democracy. Boston: Beacon Press, 2004.

FERREIRA DA SILVA, Denise. Para uma Poética Negra Feminista: A Busca/Questão da Negritude Para o (Fim do) Mundo. In: **A dívida impagável**. São Paulo: Casa do Povo, 2019.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: Silva, Tomaz Tadeu. (org). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2009. p. 33-118.

HARAWAY, Donna. Science Fiction, Speculative Fabulation, String Figures, So Far. **Ada: A Journal of Gender, New Media, and Technology**, n. 3, 2013.

hooks, bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

HU, Cameron. Epistemanía! (On the Very Idea of “Knowledge Production”). **American Anthropologist**, p. 1-5, 2026.

JOHANSON, Izilda. Outro sem eu? Por uma filosofia não identitária, feminista, global e pluriversal. **Trans/Form/Ação**: revista de filosofia da Unesp, v. 47, n. 2, e02400288, 2024.

MACEDO, Elizabeth. RANNIERY, Thiago. E depois do pós-estruturalismo?: experimentações metodológicas na pesquisa em currículo e educação. **Práxis Educativa**, v. 23, p. 941-947, 2018.

MEYER, Dagmar; PARAÍSO, Marlucy. (Orgs). **Metodologias de Pesquisas Pós-críticas em Educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

MOTEN, Fred. **Na quebra**: a estética da tradição radical preta. São Paulo: n-1 edições, 2023.

MUSSER, Amber Jamilla. Transformation, Pedagogy, and Repair: Theory in the Flesh in the Present. **Meridians**, v. 25, n. 1, p. 14-28, 2026.

NYONG'O, Tavia. **Afro-fabulations**: The Queer Drama of Black Life. Nova York: New York University Press, 2018.

OLIVEIRA, Iris Verena. Modos de aprontar na academia: escrevivências e fabulações curriculares. **Série-Estudos**, v. 29, p. 219-240, 2024.

OLIVEIRA, Iris Verena; MOREIRA, Nubia Regina. Deslocamentos metodológicos nas pesquisas em currículo, **Revista Espaço do Currículo**, v. 14, p. 1-7, 2021.

RANNIERY, Thiago. Vem cá, e se fosse ficção? **Práxis Educativa**, v. 13, p. 982-1002, 2018.

SHARPE, Christina. **No vestígio**: negridade e existência. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SHARPE, Christina. **Notas ordinárias**. São Paulo: Fósforo, 2024.

SHAVIRO, Steven. **Extreme Fabulations**: Science Fictions of Life. Goldsmiths: Goldsmiths Press, 2021.

SILVA, Paulo de Tássio Borges da; MACEDO, Elizabeth. Pesquisa pós-qualitativa e responsabilidade ética: notas de uma etnografia fantasmática. **Práxis Educacional**, v. 17, p. 1-20, 2021.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.